

Diversidade Cultural e Museus das Migrações

Miguel Monteiro

Museu da Emigração e das Comunidades

As conclusões do encontro de especialistas de Museus das Migrações promovido pela UNESCO-IOM consideraram que a tendência actual no desenvolvimento deste tipo de museus com nomes diferentes por todo o mundo, “pode contribuir para a criação de uma identidade nova e múltipla, tanto a nível individual como colectivo. Tal como os Estados Unidos (com Ellis Island), a Austrália ou o Canadá, os países europeus estão a criar actualmente locais para facilitar a transmissão entre gerações, assim como encontros entre emigrantes e as populações dos países de acolhimento, contando sua história pessoal.

Enquanto estas iniciativas servem o dever da memória, têm também três objectivos principais: dar a conhecer, incluir e integrar e construir uma consciência.

Dar a conhecer: as contribuições dadas por emigrantes às suas sociedades de acolhimento; a diversidade e a riqueza das culturas de origem e o direito a uma dupla pertença.

Incluir e integrar: promover o sentido da pertença; permitir às comunidades que se sintam parte integral da nação; encontrar aspectos comuns e contribuir para uma identidade nacional.

Construir: uma consciência dos eventos que induziram indivíduos – e refugiados em particular – a deixar a sua terra, desenvolvendo assim uma empatia entre a população do país de acolhimento. Mais geralmente, desconstruir os estereótipos ligados à imigração.”⁽¹⁾

A desprotecção institucional do imigrante, para além da vivência da divisão, abandono e sofrimento que experimenta, facilita a exploração de homens, mulheres e crianças.

Tais circunstâncias promovem as situações de clandestinidade e marginalidade vivida nos países de instalação dos migrantes, dado que se encontram excluídos da participação cívica, sendo considerados como portadores da instabilidade e da desordem para os Estados e perturbadores da nação.

As atitudes perante os migrantes têm seguido vários caminhos: a assimilação, servindo-se preferencialmente da língua e da estrutura militar como instrumentos de assimilação; o princípio multicultural – “todos iguais, todos diferentes” e, por fim, neste mesmo quadro, a tese de “separados mas iguais”, onde se supõem as fronteiras separadoras, dividindo os territórios sociais e culturais em dois espaços distintos, o domínio privado e domínio público.

Para os que defendem a tese de “separados mas iguais” existirá uma esfera pública comum partilhada por todos, inscrita no âmbito do trato legal e institucional e um considerável grau de identidade cultural na esfera do “privado”.

A fronteira entre os cidadãos seria feita exactamente no lugar da separação entre o “espaço público”, como o lugar da igualdade, e o “espaço privado”, como o lugar das diferenças e das especificidades.

Segundo esta perspectiva, em cada um dos lados desta fronteira, instalar-se-iam os comportamentos particulares das comunidades, assentes em valores próprios e normas estruturalmente diferenciadoras.

Estes quadros de estruturação multicultural, baseados numa estrutura dicotómica de diferenciação cultural, constroem as fronteiras culturais e reforçam a diferença como construção separadora. Com a instalação da fronteira, exclui-se a comunicação e a troca, promovendo-se as tensões entre as comunidades e inibe-se o convívio e a integração cultural.

No quadro da cultura, as prescrições, interdições e transgressões, associadas aos ritos de cultura, funcionam como referentes de identidade cultural, animam a diversidade original e

ampliam os sentidos de pertença. Aqui se formulam sentidos de identidade múltipla, ao mesmo tempo que se promove a comunicação intercultural.

As novas vivências de comunicação intercultural, baseadas nas diferentes agências de socialização, nomeadamente universidades e grupos informais de convívio urbano, promoveram casamentos e outras formas estruturadas de união e de acção, em especial com a constituição de famílias multiculturais, inventando-se formas de comunicação entre os indivíduos e quadros de interacção.

Na mesma família, empresa e instituição convivem comportamentos, onde cada um dos membros se cumpre, ritualizando valores culturais provenientes de territórios diferenciados, instituindo na comunicação a visibilidade ritual identitária: religiosa, folclórica, gastronómica, arquitectónica, literária e linguística.

Em sentido colectivo, a diversidade cultural e linguística foi tida como característica da dispersão e, consequentemente instituída na ideia de desagregação associada à desconstrução perigosa das estruturas sociais e culturais.

Por outro lado, estava associada a situações de confusão da não comunicação onde se fundamentava a existência da instabilidade social e da desagregação cultural do Estado cultural unitário como espaço estável, organizado.

A tese do enriquecimento cultural decorrente da interculturalidade e da diversidade cultural tem o seu maior aprofundamento na construção da identidade múltipla pela valorização e aprofundamento das mais valias da construção de formas de pertença a vários territórios culturais.

A noção de progresso, sobrevivência e amplitude da acção intercultural instaura uma nova perspectiva e uma nova prática reorientada para o valor da diversidade cultural e da interculturalidade pela propagação das civilizações, como sendo um amplificador do sistema que permitiu a um grupo humano manter o contacto entre os seus membros, e entre estes e o mundo.

Actualmente, a pertença cultural múltipla desenha novos sentidos de comunicação e convívio alargando as percepções do universo, sendo os Museus das Migrações os lugares privilegiados para a comunicação intercultural, inscrita no estudo e divulgação fundada nas marcas culturais de origem dos migrantes e no território de acolhimento que dá sentido à comunicação intercultural e estrutura a identidade múltipla.

Bibliografia

- BRAUDEL, Fernand, (1989) *Gramática das Civilizações*, Teorema, Lisboa
 MORIN, Edgar, (2001) *O desafio do Século XXI- Religar os conhecimentos*, Instituto Piaget, Lisboa
 TOURAINE, Alain, (1998) *Iguais e diferentes - poderemos viver juntos*, Instituto Piaget, Lisboa
 XIBERRAS, Martine, (1996) *As teorias da exclusão - Para uma construção do imaginário do desvio*, Instituto Piaget, Lisboa.
 ZUMTHOR, Paul, (1998) *Babel ou o Inacabamento - uma reflexão sobre o mito de Babel*, Bizancio, Lisboa
 TODD, Emmanuel, (1996) *O Destino dos Imigrados - Assimilação e Segregação nas Democracias Ocidentais*, Instituto Piaget, Lisboa

(1) Encontro de Peritos sobre Museus das Migrações, 23-25 de Outubro de 2006 – Roma, Itália (Relatório Final)